

Seduções e desafios do Movimento Carismático



A imprensa não poderia deixar de abordar — às vezes com sensacionalismo — o fenômeno do Movimento Carismático, dentro e fora do protestantismo. A TV apresentou, recentemente, reportagens sobre a chamada Renovação Carismática Católica, gerando inquietação e dúvida nas igrejas e na sociedade em geral. Uma característica desse movimento é a mística de Pentecostes com seus prodígios: "falar línguas", "curas", "exorcismos". Vai do sentimental à ação sobrenatural produzindo o fenômeno da "conversão religiosa". Com o Movimento Carismático surgem muitas perguntas: É um movimento político? Uma expressão de contracultura? É uma experiência religiosa legítima? Uma forma mais radical de viver a fé? A que leva a conversão experimentada pelos carismáticos? Neste número do Contexto Pastoral, confira as diferentes análises do Movimento Carismático. Páginas 5 - 8



Nasce a Associação Evangélica Brasileira

Nos últimos cinco anos vem crescendo no Brasil o desejo da formação de um órgão que represente os evangélicos brasileiros, mormente os setores mais conservadores e que tradicionalmente não participam de organismos de representação eclesial. Como resultado dessa preocupação nasce

a Associação Evangélica Brasileira (AEB). No dia 17 de maio, em São Paulo, reúnem-se 250 pessoas, entre líderes evangélicos, autoridades eclesiais e membros de diversos grupos denominacionais, para participar de sua assembléia constitutiva. *Página 3*

Seções

Editorial

- Na força e na esperança, o trabalho continua — 2

Reportagem

- Nasce a Associação Evangélica Brasileira — 3

Notas

- Dentro do Contexto — 4

Análise

- Movimento Carismático: construção invertida da realidade? — 5
- Movimento Carismático: uma análise não carismática — 6
- Renovação Carismática: mais um projeto

neo-conservador — 7

- Uma experiência carismática na Igreja Metodista — 8

Entrevista

- Enilson Rocha Souza — 9

Bíblia

- Crer sem ver — 10
- As coisas vão se invertendo — 10

Documento

- Se agora vivemos pelo Espírito, deixemos também que o Espírito nos guie — 11

Meditação

- O um e o todo — 12

Editorial

Na força e na esperança, o trabalho continua

Tentativas de suprir ausências quando se sente que há um público sempre mais ansioso estão presentes em quase tudo que fazemos nós. São horas de reflexões, de troca-de-figurinhas que, agora e depois, aqui e ali, inventamos. A insatisfação e a ansiedade também são nossas.

Dessas tertúlias dubitantes e pesquisantes; de nossos anseios; nasceu CONTEXTO PASTORAL, cujo número um estamos repassando aos leitores. E, no curto espaço de um quase-dois-meses, recebemos uma quantidade significativa de cartas. Até estamos acreditando que era isso que os leitores queriam. Sem dúvida, é. Precisamos, no entanto, do retorno-agradecimento-queixa-protesto dos leitores a fim de co-produzir um jornal contextualizado e oportuno. Todos podem ser co-redatores e não ficaremos solteiros.

Agora escrevemos e é Pentecostes, com todo o seu significado de entendimento do que foi-e-vai-ser e com toda a dose do vão-falem-façam que há um "Companheiro" para dar força. Ocorrem-nos as palavras de Guy Riobé, bispo de Orléans:

"Crer no Espírito é crer na vida, é crer que toda a vida terá nele, definitivamente, vitoriosamente, a última palavra sobre todas as fatalidades de desagregação, de imobilismo e de morte".

E lhes mandamos este jornal-recado-palavra-amiga, fruto da força que recebemos de tantos, mas, acima de tudo, fruto da esperança de que o desejar-ser-profeta pode sempre vir de um sopro, de coisas como línguas de fogo, contra a desagregação (religiosa também), o imobilismo (religioso também) e a morte (... também).

Muitos querem continuar a fazer este jornal. Façam!

ALTERNATIVAS DOS DESESPERADOS

Como se pode ler o Pentecostalismo Autônomo

Dossiê contendo recortes da imprensa, artigos analíticos e bibliografia sobre o Pentecostalismo Autônomo, 160 páginas. Preço: Cr\$ 2.500,00 (custo de xerox mais despesas com correios).

Pedidos podem ser feitos à **Documentação do Programa de Assessoria à Pastoral** - Cedi -

Rua Santo Amaro, 129
2221 Rio de Janeiro, RJ
através de envio de cheque nominal.

Contexto Pastoral é uma publicação do Centro Evangélico Brasileiro de Estudos Pastorais - Cebep (Rua Rosa de Gusmão 543, CEP 13073, Campinas, SP - Tel e fax: 0192-41-1459) e do

Centro Ecumênico de Documentação e Informação - Cedi (Rua Santo Amaro, 129 - CEP 22211, Glória, Rio de Janeiro, RJ - Tel: 021 - 224-6713, fax: 021-242-8847).

Editores: Luiz Carlos Ramos e Magali do Nascimento Cunha. Editores-assistentes: Carlos Alberto C. da Cunha e Paulo Roberto Salles Garcia. Jornalista responsável: Paulo Roberto

Salles Garcia (Mtb 18.841). Diagramação: Tânia Pires de Souza. Montagem: José Adriano Neves. Composição: Cebep. Ilustrações: Carlos Roberto Vasconcelos Lapa e Luiz Carlos

A. dos Santos. Conselho editorial: Clóvis Pinto de Castro, Geóval Jacinto da Silva, José Bittencourt Filho e Rafael Soares de Oliveira. Tiragem: 10 mil exemplares. Preço do Exem-

plar avulso: Cr\$ 200,00. Assinatura anual: Cr\$ 2.000,00. Assinatura de apoio: Cr\$ 3.000,00. Exterior: US\$ 15,00.

Cartas

Venho, por meio desta, parabenizar-lhes pelo excelente conteúdo do jornal CONTEXTO PASTORAL que, para minha surpresa, tem o pastor Robinson Cavalcanti como um dos seus articulistas (*Umas: às vezes funerárias*). Pois acreditava que seus resquícios dogmáticos oriundos da sua formação protestante e sua aversão à teologia da libertação, por ser incapaz de ajudá-lo a fazer nem escola e nem discípulos entre os seus, lhe impossibilitaria de escrever para um jornal de linha ecumênica. Como as coisas mudam!!

Fico feliz por acreditar agora, que ele está superando o limite que seus medíocres, pobres e inexpressíveis dogmas - sob o rótulo de holismo - lhe impuseram.(...)

Para mim, isto foi o que diferenciou com os demais teólogos da linha da libertação: questiona-se tudo, menos os dogmas! Então, mesmo conhecendo-o pessoalmente e admirando-lhe, eu não lhe poupo críticas. Lamento apenas não ter tido uma boa ocasião para lhe dizer isto pessoalmente, quando ainda morava perto da casa dele em Olinda. Agora estou vivendo em Rondônia. Realmente a presença dele no jornal foi ótima! **Moisés Peixoto, Ji-Paraná, RO**

Recebi o jornal CONTEXTO PASTORAL. As matérias estão interessantes e de excelente conteúdo. Fui lendo e fui me alegrando. Em parte, a alegria vem da percepção, que há algum tempo venho tendo, que também muitos ex-companheiros da Aliança Bíblica Universitária do Brasil (ABUB), estão vendo com bastante clareza a realidade social e eclesial brasileira. E com visão crítica.

Sonhamos juntos, com olhos abertos e coração esperançoso, por nova sociedade e por novas igrejas. Muito obrigado. **Luiz José Dietrich, Florianópolis, SC**

Consciente da realidade sócio-política e religiosa de nossa paradoxal nação, onde as discrepâncias são notórias (e porque não dizer aberrantes), gostaria de enfatizar meu contentamento pelo primeiro número do jornal CONTEXTO PASTORAL, que obtive através de um amigo, o qual veio ao encontro de uma premente necessidade no setor de literatura neste aspecto, especialmente pelo fato de ser ele de caráter essencialmente ecumênico.

Sou um admirador profundo da reinterpretação do Evangelho a partir de uma ótica social, contextualizada e que responda às urgentes necessidades do contexto latino-americano, onde a religiosidade tem sido usada praticamente como mais um veículo de opressão, dentre muitos.

Sendo assim, venho requerer maiores informações a respeito desta tão importante publicação, e ao mesmo tempo adquirir maiores detalhes para obtenção de uma assinatura. **Francisco**

Envie sua carta para:
• Contexto Pastoral - Cebep
Rua Rosa de Gusmão, 543
13073 Campinas, SP

Henrique, João Pessoa, PB

Agradeço o envio do CONTEXTO PASTORAL. Felicito a linha, o conteúdo e a coragem.

Estarei rezando/orando pelos que ficam e pelo Longuini na Alemanha. Que ele volte Doutor em humanidade, que é o que está faltando neste continente. Abraços ecumênicos. **Padre Fernando, S. Mateus, SP**

Em nome da Casa Publicadora das Assembléias de Deus (CPAD), venho agradecer a remessa de CONTEXTO PASTORAL e pedimos que continuem a nos remeter esta publicação. Nossos cumprimentos e reiterada estima.

Antonio Gilberto, diretor de Publicações, Rio de Janeiro, RJ

Foi com prazer que recebemos o periódico CONTEXTO PASTORAL. Queremos parabenizar à equipe de publicação deste jornal, comprometido com a informação e a divulgação de artigos que interessam aos cristãos da nossa comunidade, e ainda, agradecer pelo envio à nossa biblioteca.

Desejamos as bênçãos do Pai ao editor Longuini Neto, durante a sua permanência em outra nação, e, ao mesmo tempo, dar as boas vindas à Magali Cunha, agora à frente deste órgão de divulgação.

Vale registrar que é de nosso interesse o recebimento de CONTEXTO PASTORAL. **Ellane Tristão, bibliotecária do Seminário Teológico Batista do Sul, Rio de Janeiro, RJ**

Foi com alegria que recebi o exemplar do jornal CONTEXTO PASTORAL. Já há tempo esperava-o. É sempre bom conhecer posicionamentos diversos para podermos amadurecer com sonhos, objetivos, ideais pastorais, os mais variados possíveis.

Admiro sua administração e espero estar sempre em contato com o pensamento teológico-pastoral emitido neste jornal. **Rev. César Augusto Emerich, Itapeva, SP**

Foi com alegria esufizante que recebemos Luiz Carlos Ramos, em Campinas, no Encontro de Crescimento de Igrejas, promovido pela Igreja Presbiteriana do Brasil, com vários números do novo Contexto - o CONTEXTO PASTORAL - nas mãos. É gratificante rever os pensamentos, os sonhos, as esperanças, as expectativas, temperadas com sal, com a luz, com criatividade e brilho.

Por favor, gostaria de renovar minha assinatura, com o novo endereço. Também gostaria de ter alguns números para distribuir no Seminário onde estudo, pois ali, apesar de tudo, ainda se encontram algumas cabeças pensantes. **Marcos Paulo Santiago de Medeiros, Duque de Caxias, RJ**

ou para:
• Contexto Pastoral - Cedi
Rua Santo Amaro, 129
2211 Rio de Janeiro, RJ

Nasce a Associação Evangélica Brasileira

Paulo Roberto Salles Garcia e
Magali Nascimento Cunha



Rev. Caio Fábio, presidente eleito da AEB

Na década de 1930, por inspiração do rev. Erasmo Braga, nasce a Confederação Evangélica do Brasil (CEB), entidade que congregou oficialmente inúmeras igrejas evangélicas, principalmente às do Protestantismo Histórico/ de Missão. Durante mais de trinta anos desenvolveu uma ação representativa de alto nível — com reconhecimento no Brasil e exterior —, prestando serviços nos campos da assistência e ação social, educação cristã, hinologia etc. Em virtude dos regimes militares instalados no País após 1964, a CEB começou a declinar.

Em fins de 1987, assistiu-se ao "ressurgimento" da Confederação Evangélica do Brasil, um processo questionável de iniciativa de alguns deputados federais evangélicos, que trazia consigo objetivos identificados claramente com os poderes dominantes, sem qualquer participação de igrejas nem referência ao trabalho desenvolvido na "época de ouro" da CEB.

No dia 17 de maio, em São Paulo, teve início mais um capítulo da unidade evangélica neste País. Foi a assembleia constitutiva da Associação Evangélica Brasileira (AEB). Esta nova entidade deverá ser o referencial de pessoas e/ou grupos denominacionais, principalmente aqueles identificados com o Pacto de Lausanne, ou comunidades autônomas com recorte carismático, inclusive. Reunida em torno de pessoas e líderes evangélicos — característica marcante do movimento evangélico —, temos a impressão de que a Associação Evangélica Brasileira pretende ser uma alternativa àquela iniciativa dos deputados evangélicos, na medida em que está resolvida a sinalizar à sociedade brasileira referenciais de convicções bíblicas que possuem o grupo de líderes, as igrejas e as denominações que a compõem.

Cerca de 250 pessoas, entre líderes evangélicos, autoridades eclesásticas e membros de diversos grupos denominacionais, lotaram o auditório do Centro do Professorado Paulista, em São Paulo, para participar da assembleia constitutiva da Associação Evangélica Brasileira.

Um dos aspectos marcantes do evento foi o perfil de seus participantes: calcula-se a presença de mais de sessenta igrejas, comunidades autônomas e entidades, vindas de todas as partes do País.

A assembleia, iniciada com momentos devocionais, teve seu tempo praticamente tomado em discussões e debates para aprovação dos estatutos da entidade. Questões como tempo de mandato da diretoria, participação de seus integrantes em cargos político-partidários e identidade da Associação mereceram atenção especial. Apesar da tentativa de grupos no sentido de estabelecer a identidade da AEB a partir da doutrina de fé baseada no Pacto de Lausanne, o espírito de abertura acabou prevalecendo, o que vai permitir a unidade entre os associados, sejam eles inspirados ou não pelo Pacto.

Maior união

Segundo membros da comissão de trabalho encarregada da formação da AEB, a idéia de sua criação surgiu, primeiramente, a partir do Congresso Latino-Americano de Evangelização (CLADE II), realizado no Peru, em 1979. De lá para cá, uma série de outros eventos foram acontecendo, apontando para a necessidade de maior união. "A organização da AEB tem a ver com um sentimento latente que há no país inteiro em expressiva parte da comunidade evangélica", ressalta um interlocutor.

A AEB terá a responsabilidade de ser porta-voz das esperanças, angústias e posições de seus associados junto aos meios de comunicação e ao pensamento comunitário brasileiro. Além disso, terá a finalidade de produzir eventos que ajudem na perspectiva da unidade da igreja, bem como se empenhará na elaboração de um pensar teológico e ético que possa definir a verdadeira identidade evangélica brasileira.

Primeira diretoria

O evento serviu também para se eleger a primeira diretoria da entidade, que ficou assim constituída: presidente — Caio Fábio d'Araújo Filho (Vinde); 1º vice-presidente — Darci Dusilek (Visão Mundial); 2º vice-presidente — Samuel Câmara (Assembleia de Deus no Amazonas); 3º vice-presidente — Arzemiro Hoffmann (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil); 1º secretário — Osmar Ludovico (Ig. do Cristianismo Decidido); 2º secretário — Wilson de Souza Lopes (Igreja Presbiteriana do Brasil); 1º tesoureiro — Jorge Ribeiro (Igreja Congregacional de Icarai - Niterói/RJ); 2º tesoureiro — Robson Rodvalho (Comunidade Evangélica - Goiânia/GO). Seu mandato será de três anos.

A posse solene aconteceu no dia seguinte à assembleia, em culto realizado no tem-

plo sede da Igreja "O Brasil para Cristo".

Em entrevista ao CONTEXTO PASTORAL logo após sua eleição, o presidente da AEB, rev. Caio Fábio d'Araújo Filho, avaliou como positivo o evento, principalmente se observado sob o ponto de vista da representatividade. Segundo ele, o encontro foi "incrivelmente participativo e um dos mais amplos que a igreja evangélica já promoveu nesta década".

Ao ser indagado sobre o aspecto ecumênico da nova entidade, Caio Fábio enfatizou que a AEB tem uma proposta ecumênica evangélica: "será uma associação de e para evangélicos, desde os grupos históricos mais progressistas aos conser-

vadores e pentecostais". Ele acrescentou que não há "nenhuma intenção de transformá-la numa entidade ecumênica que vise o relacionamento formal com expressões de fé cristã existentes fora do protestantismo", sinalizando, porém, para a abertura de um "diálogo" com a sociedade como um todo.

Politicamente, a Associação Evangélica Brasileira se autodefine como neutra: não pretende ser instrumento político-partidário, nem estar a serviço de qualquer projeto, seja de direita, esquerda, centro, progressista, conservador ou moderado, e sim ser uma voz média, consensual, bíblica e equilibrada. ●

Impressões

* O Colégio Episcopal da Igreja Metodista vai analisar os estatutos da AEB, os critérios para a filiação e, até mesmo, se for um caminho, conduzir esse assunto ao Concílio Geral da Igreja para que ele possa ser a voz soberana. Entretanto, considera importante que, no Brasil, haja uma voz evangélica que possa comunicar os nossos sentimentos, que seja uma voz pastoral e profética. (bispo Adriel Maia - Igreja Metodista)

* Não vejo nenhuma relação significativa entre a AEB e a Confederação Evangélica Brasileira, já que são processos absolutamente distintos. Historicamente a CEB era uma entidade muito mais representativa das igrejas chamadas históricas. Mas acho que, como foi uma experiência de muitas décadas e que reuniu figuras e igrejas importantes no processo histórico evangélico do Brasil, é importante retomar esse contexto, e até analisar a AEB à luz daquela experiência. (Waldo César, Instituto de Estudos da Religião - ISER)

* O que está ocorrendo aqui é um retorno aos Atos dos Apóstolos, ou a sua continuação. Estamos criando um fórum que vai interligar as denominações, aproximar as diversas doutrinas. (missionário Miguel Angelo - Igreja Cristo Vive)

* Pelo fato de ser uma associação unicamente evangélica, ela já começa deficiente, de uma certa forma, porque já existe um movimento mais amplo, e a AEB me parece algo paralelo. Gostaria de ver a AEB formada não em oposição ao que o Conselho Mundial de Igrejas tem feito no Brasil. (pastor José Antônio - Igreja Batista de Maringá - PR)

* Nossa expectativa é que a AEB possa resgatar os valores históricos da Confederação Evangélica do Brasil, e contribuir para transmitir a este Brasil os valores do Reino de Deus. Que possamos fazê-lo, agora de maneira mais ampla, já que o leque de participação na AEB é maior, com a filiação de indivíduos, associações missionárias etc. (pastor Ricardo Gondim - Igreja Assembleia de Deus Betesda)

LENDO A BÍBLIA HOJE

XI Semana de Atualização Teológica do Cebep

de 23 a 28 de julho
Campinas

Assessores:

Milton Schwantes
Carlos Mesters
Gilberto Gorgulho
Joaquim Beato
Paulo Garcia
Tânia Mara Vieira Sampaio
Mercedes Brancher
Luís Torres
Leonídio Gaede

Participação especial de

Benedita da Silva
Leonardo Boff
Rubem Alves

Inscrições pelo telefone (0192) 41-1459 (Cebep)

Último prazo: 10 de julho

Vagas limitadas

Os inscritos receberão um prospecto com detalhes sobre o programa e de como chegar ao local do encontro

Conic e Igreja Metodista perdem Isac Aço

O presidente do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs, o bispo metodista Isac Alberto Rodrigues Aço, de 56 anos, faleceu em acidente de automóvel no dia 25 de março. O acidente ocorreu na rodovia BR-386, em Montenegro (RS), quando o bispo retornava de uma visita pastoral, causando também a morte de seu filho Marcos Wesley, de 18 anos, e ferindo gravemente outro filho, João Paulo, de 27 anos.

Além de atuar ativamente na Igreja Metodista e no movimento ecumênico nacional, Isac Aço era presidente do Conselho de Bispos das Igrejas Evangélicas Metodistas da América Latina e do Caribe (Ciemal).

A morte do bispo Isac Aço deixa uma grande lacuna no trabalho pela unidade dos cristãos e por uma Igreja realmente comprometida com os valores do Reino de Deus.

Igrejas repugnam pena de morte

A proposta de uma comissão parlamentar para a realização de um plebiscito sobre a introdução da pena de morte no Brasil, a ser examinada pelo Congresso Nacional, foi duramente rechaçada pelas igrejas brasileiras.

A pena de morte "repugna o sentimento religioso cristão do povo brasileiro", é o que afirma mensagem do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (Conic) e da Coordenadoria Ecumênica de Serviço (Cese) enviada ao presidente da Câmara dos Deputados.

A Igreja Presbiteriana Unida (IPU) e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil (IECLB), divulgaram manifestos condenando a proposta. A Conferência Nacional de Bispos do Brasil (CNBB) e entidades ligadas ao trabalho pastoral e ecumênico também se posicionaram negativamente.

Dentre as considerações apresentadas pelas igrejas, está a denúncia de que a pena de morte será um retrato das desigualdades profundas que afligem o povo brasileiro. Ela seria transformada na "legalização pura e simples de execuções sumárias (que já existem hoje com os grupos de extermínio), em que o crime capital é ser pobre e/ou negro".

Igreja Ortodoxa Siriana é a nova integrante do Conic

A Igreja Católica Ortodoxa Siriana é a mais recente igreja membro do Conic. A igreja é originária de Jerusalém e existe desde o início do cristianismo, tendo chegado ao Brasil em 1860, com os imigrantes árabes, sírios, iraquianos, palestinos, turcos e iranianos. A sede da Igreja Siriana fica em Belo Horizonte e sua membresia é estimada em 120 a 150 mil membros batizados. A igreja possui um seminário e seus padres, atualmente 42, podem contrair o matrimônio.

A Igreja Católica Ortodoxa Siriana é membro do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), mantém diálogos bilaterais com a Comunhão Anglicana e comunhão não plena com as igrejas pós-calcedonianas, as bizantinas e a Igreja Católica Apostólica Romana.

Com esta adesão, passam a ser oito as igrejas-membros do Conic. As demais são as igrejas Católica Apostólica Romana, Confissão Reformada do Brasil, Episco-

pal do Brasil, Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, Metodista e Presbiteriana Unida. (*Notícias do Conic, março/1991*)

Metodistas apóiam encontro de bóias-frias

Um encontro de bóias-frias da cidade e do campo foi realizado no mês de março, num colégio metodista em Ribeirão Preto (SP). Participaram do evento sindicatos, associações de moradores, políticos da região e representantes de movimentos populares.

O interior de São Paulo possui uma grande concentração de usinas de açúcar, que empregam milhares de trabalhadores(as) no corte da cana e também na coleta de laranja. A situação torna-se crítica pela ausência de transporte digno dos trabalhadores para as fazendas, o que já fez dezenas de vítimas nas estradas da região.

Os bóias-frias reivindicam o transporte através de ônibus e não de caminhão "pau-de-arara", que eles consideram sub-humano. Outra reivindicação é a reposição de perdas salariais do último ano.

Os metodistas de Ribeirão Preto apoiaram o encontro de bóias-frias com infra-estrutura de local e alimentação, além de visitas às favelas e bairros da periferia, onde se encontram os acidentados e inválidos por causa do transporte de caminhão. (*João Luis Ferreira, Igreja Metodista de Virgínia*)

Pastor lança Bíblia em versos

Poeta e historiador, o pastor metodista Isnard Rocha, de 82 anos, é autor de uma extensa produção literária. Seu mais novo trabalho é o primeiro volume da *Bíblia em versos - Salmos em Trovas*. O segundo, o *Apocalipse*, sairá até o final do ano.

Católicos e protestantes já aprovaram a versão do pastor Isnard Rocha, que adotou uma estratégia ecumênica: decidiu versejar os 73 livros da "Bíblia Católica".

A idéia surgiu em 1983. "Acho que todos gostam de poesia, e essa será mais uma porta e uma nova oportunidade para ler a Bíblia", conta o pastor.

Ele pretende terminar seu trabalho em 1993, estando já concluídos os vinte e sete livros do Novo Testamento e onze do Antigo. A Sociedade Bíblica do Brasil afirma não ter notícia de um trabalho semelhante no mundo. (*Expositor Cristão, abril/1991; Veja, 17/4/91*)

A caminho do 8º Intereclesial de CEBs

Em 1992, as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) da Igreja Católica no Brasil, estarão realizando o seu 8º Encontro Intereclesial, na cidade de Santa Maria (RS), com o tema *Culturas Oprimidas e Evangelização na América Latina*.

A diocese de Santa Maria, em conjunto com a Comissão Ampliada Nacional das CEBs, está organizando o evento, que contará com cerca de dois mil participantes. O encontro terá uma dimensão ecumênica. Já no 7º Intereclesial (Baixada Fluminense, 1989), mais de cem evangélicos, de 13 igrejas, participaram. No 8º encontro, em Santa Maria, cada organização regional de CEBs terá um mínimo de cinco delegados evangélicos, que deverão estar integrados desde os encontros preparatórios, que já estão

acontecendo em todo o Brasil. Maiores informações: * Frei Egídio Fiorotti (secretário executivo do 8º Intereclesial de CEBs) Av. Rio Branco, 793 - 97010 - Santa Maria - RS. Tel. 055-221.4548; * Pastor Cláudio de Oliveira Ribeiro (representação de evangélicos na Comissão Ampliada Nacional de CEBs) Rua Barão do Triunfo, 343/402 - 25070 - Duque de Caxias - RJ.

Evangélicos progressistas se articulam

O Movimento Evangélico Progressista (MEP) está organizando e divulgando o *Fórum Nacional de Discussão Política dos Evangélicos Progressistas*, a ser realizado em Campinas (SP). Segundo os líderes

que integram o movimento, os evangélicos têm que assumir um papel importante nesta conjuntura confusa, como profetas do Reino de Deus.

O Movimento Evangélico Progressista nasceu com este grupo, em Recife, e tem alcance nacional. A liderança pretende ocupar espaços na sociedade, com base na Palavra de Deus, propondo e debatendo soluções. Com este objetivo está sendo organizado o fórum, para o qual estão sendo convidados partidos de esquerda, entidades sindicais e outras lideranças do movimento social, para que ouçam o que esta parcela dos evangélicos tem a dizer. Para maiores informações: * Tel. (011) 31.6892/54.2894 (Nelson) ou (081) 429-3273 (Pastor Robinson Cavalcanti).

Dentro do Contexto

Collor é praga do Diabo

Esta é a afirmação feita pela Igreja Universal do Reino de Deus a seus fiéis. O presidente Collor está entre as "oito pragas do Diabo", que atormentariam aqueles que não contribuíssem para uma campanha financeira da igreja. É que Collor, que na campanha presidencial recebeu apoio maciço da Igreja Universal, é apontado como um dos causadores dos problemas financeiros vividos pela igreja, devido ao bloqueio de cruzados em 1990. Além de Collor, as outras "pragas do Diabo" são a aids, o câncer, o cólera, a guerra, a inflação, o desemprego e a fome. (Aconteceu, março/1991)

Evangélicos lutam pela justiça social

O Movimento Evangélico pela Justiça Social realizou em Minas Gerais, no mês de março, seu primeiro encontro estadual, elegendo uma comissão de coordenação. O movimento surgiu durante a campanha presidencial de 1989, com o apoio à Lula e com o objetivo de tornar pública a ação de uma considerável parcela de evangélicos, que foge do tradicional "conservadorismo" em relação ao posicionamento político-social.

CNBB prioriza evangelização

A 29ª Assembleia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil foi realizada em São Paulo, nos dias 10 a 19 de abril, reunindo 305 bispos católicos de todo o país. O tema central dos debates foi a evangelização, apontada como uma prática a ser priorizada pela Igreja. Os católicos vêm, a cada ano, perdendo grande quantidade de fiéis, especialmente para o pentecostalismo autônomo. D. Luciano Mendes de Almeida, arcebispo de Mariana (MG), foi reeleito presidente da entidade para o quadriênio 1991-1994.

Anglicanos têm novo Primaz

O 13º arcebispo de Cantuária e líder da Igreja Anglicana, George Carey, foi sagrado no dia 19 de abril, em cerimônia especial, na quase milenar Catedral de Cantuária, em Londres. Carey, sucessor do arcebispo Robert Runcie, é uma figura controversa na Igreja, fundada há quase 500 anos pelo rei Henrique VIII. Há oposição e apoio para a simplicidade de suas maneiras e suas posições em

defesa de reformas sociais da ordenação de mulheres. (Aconteceu, abril/1991)

Evangélicos no PT

Catorze evangélicos das Igrejas Anglicana, Assembléia de Deus, Batista e Presbiteriana de Pernambuco, filiaram-se ao Partido dos Trabalhadores (PT). Uma campanha de filiação no estado foi aberta, oficialmente, pela deputada federal Benedita da Silva, da Assembléia de Deus e coordenadora da Frente Evangélica, que apoiou Lula para a presidência da República em 1989. (*Diário do Grande ABC, 21/4/91*)

Substituição efetivada

O Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (Conic) possui, desde janeiro, novo secretário executivo, substituindo o pastor Godofredo Bohl, que esteve oito anos no cargo. Trata-se de Emil Sobotka, 32 anos, bacharel em Teologia, mestre em Bíblia e sociólogo. Que sua contribuição enriqueça o movimento ecumênico brasileiro.

Fé e Bem Comum

Promovido pelo Movimento de Fraternidade das Igrejas Cristãs (Mofic), foi realizado em São Paulo, no dia 27 de abril, o Congresso Ecumênico Fé e Bem Comum. Quarenta pessoas de várias igrejas protestantes e da Igreja Católica participaram do congresso, que teve a temática dividida em duas partes: A fé no contexto da crise mundial e A fé e o civismo no contexto brasileiro. Os participantes estudaram os temas a partir da Bíblia e de análises da conjuntura brasileira.

Ser cristão hoje

Cristãos de diversas denominações confessam-se insatisfeitos e à procura de uma perspectiva cristã condizente com os novos tempos. Surge o questionamento: qual o sentido de ser cristão hoje? Um grupo integrado por 35 jovens evangélicos (majoritariamente batistas, mas com presença presbiteriana, metodista e de Nova Vida), reuniu-se no Rio de Janeiro, de 26 a 28 de abril, para esta reflexão, partindo do tema Ser cristão hoje: a fé, a história e o dia a dia. Este trabalho foi promovido pelo Programa de Assessoria à Pastoral do CEDI e está vinculado à sua Linha de Formação Ecumênica.

Movimento Carismático: construção invertida da realidade?

José Bittencourt Filho



Velhas lembranças me acorrem quando falo de movimento carismático. Conheci o Evangelho através de uma igreja batista renovada, na qual se narravam

apaixonadamente amargas experiências passadas, perseguições e expurgos. Lá se vão mais de vinte anos, e a situação é bem diferente. As burocracias dirigentes das igrejas do Protestantismo Histórico ainda possuíam na época suficiente envergadura política para vigiar, punir e excomungar aqueles que se atrevessem a contrariar as tradições doutrinárias.

Afinal de contas, permitir o ingresso de ênfases bíblico-teológico-doutrinárias do pentecostalismo, na prática religiosa evangélica, representaria um abalo sísmico nos alicerces denominacionais. Passados todos estes anos, é possível afirmar que ambas as partes em litígio estavam equivocadas. A decantada modernização (?) que o movimento carismático representava era uma grande ilusão. Ele metabolizava — quando não hipertrofiava — os componentes mais questionáveis da religiosidade denominacional: o pietismo e o fundamentalismo.

O resultado não poderia ser outro. Os fiéis das igrejas locais, ao longo do tempo, acabaram por desqualificar o espírito das excomuniões ferozes dos primeiros tempos, ao perceberem que o movimento carismático era apenas uma expressão mais radical e fervorosa das doutrinas e ênfases que circulavam, numa versão mais moderada, nas igrejas tradicionais.

A crise do Protestantismo Histórico

O modelo denominacional implantado no Brasil, sobretudo após a onda obscurantista que varreu as igrejas com o Golpe de 64, não foi capaz de produzir conhecimento teológico consistente nos campos missiológico, sacramental, litúrgico nem eclesiológico. A ideologia ultraconservadora das "Missões da Fé", veiculada através dos cancionários da juventude, e da educação teológica vinculada chamada interdenominacional, comprometeu quase definitivamente a identidade frágil e a rarefeita herança histórico-teológica das igrejas do Protestantismo de Missão. Na segunda metade da década de 1970, as

igrejas paulatinamente se rendiam à pujança de uma proposta religiosa já altamente institucionalizada, e que, no entanto, continuava e continua merecendo o apelido de "movimento", em face de seu dinamismo. Acresce, que, no princípio da década passada, surge a grande surpresa: o movimento tinha ultrapassado as fronteiras do protestantismo e invadido o catolicismo romano, com seu tradicionalismo aparentemente impermeável.

Hoje já se fala mesmo dos segmentos progressistas do movimento carismático, ou seja, aqueles que teriam sido contaminados pelo vírus libertário, e que buscam uma síntese entre a espiritualidade etérea e uma prática política esquerdista combativa. Aparentemente um paradoxo, contudo, verificável em várias partes do Terceiro Mundo.

A variedade não cessa por aí. Teríamos os movimentos carismáticos que se institucionalizaram na forma de igrejas/denominações, com um considerável peso numérico e patrimonial.

Hoje se fala de carismáticos infectados pelo vírus libertário e que buscam uma síntese entre a espiritualidade etérea e uma prática política esquerdista

Existem ainda aqueles que insistem na metodologia "subversiva" de infiltração e manutenção de pequenos grupos. Há os que optaram pelo regime episcopal, outros pelo congregacionalista, outros pela liderança feminina. Há os que se especializaram em atuar junto à juventude, outros, às camadas médias, outros, aos empresários, ou militares, e assim sucessivamente.

Essa capilaridade revela a existência de um componente na religiosidade carismática que vem ao encontro de aspirações simbólico-culturais. Estas vão além até mesmo de auto-imagem, das justificativas teológicas e dos mitos de origem que o movimento elabora e divulga. Na realidade, a proposta carismática pode representar uma via simbólico-cultural cujo papel latente seria o de mecanismo de resistência contra as crises da modernidade.

Vale sublinhar o contexto de carência das camadas populares, a pauperização das camadas intermediárias, conjugados ao estilhaçamento dos referenciais de valores, derrotados pela urbanização irracional e pela influência dos Meios de Comunicação Social. Proporção que se alteram aceleradamente os papéis sociais, e a tecnoburocracia predomina na estreita da ofensiva neoliberal — sistema que exclui extensas faixas da população

tanto da riqueza produzida, quanto do saber letrado — forma-se o caldo de cultura que favorece a expansão de propostas religiosas estáticas e imediatistas.

Secularismo e experiência religiosa

A matriz religiosa brasileira favorece o infantilismo religioso, que contempla relações utilitaristas. A crise das propostas clássicas, ao lado da crise da modernidade e das ideologias, favoreceu a expansão da religiosidade conservadora, embora num invólucro tido como avançado. O secularismo dominante é mais sutil e perverso do que se estima, porquanto, no seu cardápio, existem ofertas para todas as preferências. Ao contrário do que se afirmava, o secularismo não apenas repele a religião, mas também oferece um substitutivo, que esvazia, de sua dimensão histórico-profética, a fé.

De qualquer modo, o que se destaca no movimento carismático, institucionalizado ou não, é sua capacidade de produzir a experiência da conversão religiosa. Essa experiência exige uma abordagem interdisciplinar para a sua devida compreensão, conquanto se trate de um fenômeno cujos efeitos canalizam-se para diferentes metas.

Indubitavelmente a conversão religiosa produz uma dinâmica subjetiva que prepara indivíduos e grupos para um engajamento apaixonado nas causas abraçadas. Assim sendo, a conversão transforma-se numa garantia ou num lastro que não só garante a total adesão como a dedicação e a coerência na prática dos conversos.

Essa força de adesão, consagração e coerência ensejam ainda rupturas, quando novas verdades são descobertas, e a honestidade impõe a mudança de posições antes sustentadas. Com isso, volto a lembrar do passado, e das muitas alterações de rumo que efetuei em minha prática de fé. Sei de muitos outros irmãos e irmãs que passaram pela mesma experiência, e que permanecem abertos às surpresas do futuro, na firme convicção de que "Onde o Espírito do Senhor está presente, aí há liberdade" (2 Coríntios 3.17b).

Até hoje o fato mais notório nas práticas dos carismáticos têm sido, lamentavelmente, condutas corporativistas no tocante ao político, comportamentos moralistas no que tange às relações humanas, e posturas dogmáticas quanto ao religioso. Têm sido promotoras mesmo, de uma nova modalidade de obscurantismo, quando se trata de religiões não-cristãs e/ou expressões culturais.

Tem sido possível também constatar manifestações formidáveis de abnegação, seriedade, dedicação e altruísmo.

Certamente o gigantismo do movimento

Seria possível inverter o vetor ideológico do movimento carismático na sua versão tupiniquim?

tem sido contraproducente para seu aprimoramento, visto que alimenta a vontade de poder, a vaidade, a competitividade, e o oportunismo. Talvez, por essas mesmas razões, não tem reunido condições para produzir um saber teológico profícuo, que aponte soluções originais para a dialética fé versus religião; ou ainda uma síntese criativa quanto à problemática da relação fé & política, nem tampouco mecanismos que superem os limites do fundamentalismo travestido e do pietismo mascarado.

E se "trouxerem o céu para a terra..."

Faz-se necessário não descurar a riqueza das expressões simbólicas e emotivas que o movimento carismático fomenta; a ênfase na experiência religiosa pessoal e profunda; nem seus corretos questionamentos quanto ao imobilismo do cristianismo convencional.



A decantada modernização que o movimento carismático representava era uma grande ilusão

Fica no ar a pergunta: seria possível inverter o vetor ideológico do movimento carismático na sua versão tupiniquim? Isto me lembra um querido amigo que costumava dizer: "No dia em que os carismáticos trouxerem o céu para a terra, ninguém segura!". Esperamos que ele tenha razão. Caso contrário, estaríamos diante de uma das maiores reservas de legitimação que o sistema jamais teve.

O autor é pastor da Igreja Presbiteriana Unida e coordenador do Programa de Assessoria à Pastoral do CEDI.

Movimento Carismático: uma análise não carismática

Darci Dusilek

O movimento carismático mostrou sua força no contexto batista (e em outros grupos também) principalmente nos primórdios da década de 1960. Pode-se dizer que o impacto desse movimento na época foi semelhante ao de um terremoto, tendo em vista as várias cisões que aconteceram nos grupos chamados "tradicionais".

Da década de 1970 para cá, tanto os adeptos do movimento carismático quanto os chamados tradicionais, parecem ter passado — é claro, respeitadas as devidas exceções — a uma fase de administração do problema.

Uma questão institucional

A questão carismática pode ser resumida a uma análise pura e simples dos dons espirituais mencionados no Novo Testamento, ainda que esta seja a ênfase mais freqüente do movimento. Não se trata apenas de apropriação pessoal e subjetiva, por parte do indivíduo, deste ou daquele dom da graça de Deus. Na realidade subjacente ao movimento, percebe-se uma forte contestação de modelos institucionais sobre como ser igreja no Brasil. Os modelos que recebemos via importação missiológica do hemisfério norte, mostravam-se pouco ágeis em sua adaptação à cultura brasileira. A rigidez e intolerância demonstrada pelos líderes dos grupos históricos foi um dos elementos que contribuíram para a proliferação do movimento carismático.

Espaço para lideranças emergentes

Aliada à questão institucional, verificamos o problema do (pouco) espaço para a assimilação e fortalecimento de lideranças emergentes. Em certos casos, ainda que nem sempre o discurso se apresentasse como tal, o movimento carismático foi uma forma que líderes nacionais tiveram de contestar a liderança missionária dominante, ou pelo menos altamente influente, em postos-chaves nos centros de decisão dos grupos confessionais de origem missionária.

A rigidez e intolerância demonstrada pelos líderes dos grupos históricos foi um dos elementos que contribuíram para a proliferação do movimento carismático.

Por rebelarem-se à orientação dos líderes estabelecidos, os carismáticos forçaram a abertura de espaço para o surgimento de novos líderes. O resultado dessa ação foi duplo: 1) os grupos históricos, percebendo o perigo dessa ênfase começaram a abrir espaço para novos líderes; 2) os grupos carismáticos que resultaram do cisma institucional, propiciaram *ipso facto*, novo

espaço para novos líderes.

O problema da criação de espaço para o surgimento de lideranças emergentes, parece, contudo, que não foi de todo resolvido. Nem há evidências de uma programática, à parte os cursos dos seminários institucionais, que vise à preparação e inserção de liderança mais jovem, tanto nos grupos tradicionais como nos grupos carismáticos. Os que conseguem abrir espaço e se projetar, o fazem, mais devido às circunstâncias e valor pessoal do que como resultado de uma ação programada nesta direção.

Talvez seja uma ironia histórica que este mesmo problema venha a surgir no contexto dos novos grupos que se formaram a partir do cisma carismático. É que novos cismas são verificados dentro dos próprios grupos carismáticos, e pelas mesmas razões do cisma primordial!

Parece ser aplicável, neste sentido, a afirmação de que a liderança dos primeiros movimentos de cisão que resultaram da questão carismática, ao darem os primeiros passos no sentido de uma institucionalização do novo grupo surgido, copiaram os modelos que já conheciam de seus grupos de origem, com algumas adaptações. *Saíram do Egito, como o povo de Israel, mas o Egito não saiu deles.*

Isto explica, parcialmente, a grande efervescência de novos grupos surgidos a partir dos próprios grupos carismáticos, principalmente na década de 1970.

Uma expressão de contracultura

Dentro da economia de trocas simbólicas que caracteriza os *phenomena* religiosos, o movimento carismático pode ser analisado como uma expressão de contracultura. Há uma rebelião implícita, ainda que não proclamada como tal, aos valores e modelos importados das missões protestantes no final do século XIX e começo do século XX.

As explicações dadas via modelo tradicional para os *phenomena* relacionados à manifestação religiosa do povo brasileiro, principalmente vinculados à matriz afro-brasileira, foram questionadas como insatisfatórias.

Neste sentido, o aspecto da contracultura do movimento carismático, aponta em quatro direções: 1) os modelos dos grupos protestantes históricos e sua interpretação da Bíblia, da vida cristã e do contexto religioso brasileiro; 2) o próprio contexto religioso brasileiro de estrato popular, em que predominam as manifestações oriun-

das da matriz afro-brasileira; 3) uma retomada da reação inicial do protestantismo de missão com relação ao catolicismo, em que predomina a atitude de "seita sitiada pelo catolicismo"; 4) o ambiente secularizado da sociedade brasileira com seus valores.

O problema é que este movimento latente de contracultura encontrado no movimento carismático não conseguiu evitar, no desenrolar do processo histórico, a assimilação de muitos valores e mecanismos dos próprios grupos de origem, ou mesmo dos grupos que procuravam combater.

Já foi citada, como exemplo, a questão das lideranças emergentes. Acrescente-se a este exemplo, o modelo administrativo dos grupos carismáticos, alguns até mesmo mais fechados e oligárquicos que os chamados grupos tradicionais e, também, a apropriação inconsciente de mecanismos mais pertinentes às manifestações religiosas de *magia* por via de substituição. A Bíblia, em muitos casos, transforma-se numa espécie de *fetichê*. A única diferença é que é um *fetichê* autorizado, que se articula dentro da própria cosmovisão do grupo.

O próprio secularismo que procuravam combater encontra manifestações travestidas de aspectos religiosos no movimento carismático, ainda que não reconhecidas como tal pelos líderes dos grupos oriundos do movimento.

Desdobramentos e conseqüências

Concluindo esta análise, que não pretende ser conclusiva, podemos analisar os seguintes desdobramentos e conseqüências do movimento carismático no Brasil:

Com relação aos grupos tradicionais: uma vez passado o período de confrontação inicial, os grupos históricos ou tradicionais parecem ter procurado uma atitude de relacionamento mais positivo para com o movimento carismático. Algumas evidências, entre outras, apontam nesta direção: 1) assimilação adaptativa de algumas ênfases e práticas do movimento carismático; 2) correção de distorções apontadas pelo grupo cismático em relação ao grupo matriz original; 3) interpretação do papel e importância dos próprios carismas no contexto do grupo; 4) relacionamento mais positivo com líderes do movimento carismático - o grupo carismático, em muitos casos, passa a ser considerado como se fosse um outro grupo evangélico e a relação institucional e pessoal é facilitada; 5) o grupo oriundo do cisma, em muitos casos, deixa de ser perseguido; 6) a hermenêutica do texto

bíblico passa a receber nova ênfase para incluir a questão dos *carismas* na Bíblia e na vida da igreja; 7) a cosmovisão é ampliada pela inclusão de aspectos relacionados à visão do mundo espiritual predominante no movimento carismático ainda que, com interpretação própria e diferenciada.

O movimento carismático foi uma forma que líderes nacionais tiveram de contestar a liderança missionária dominante.

Com relação ao movimento carismático: semelhante, o movimento carismático sofreu algumas mudanças após o período de efervescência inicial. Entre outras, podemos assinalar as seguintes: 1) institucionalização progressiva que passa, por sua vez, a ser combatida por vozes "rebeldes", internas; 2) busca de uma erudição ou saber teológico mais fundamentado para se contrapor à crítica de superficialidade doutrinária; 3) recuperação de algumas ênfases dos grupos tradicionais, como por exemplo, a ênfase à questão da ação social como parte da missão da Igreja; 4) alguns grupos carismáticos se especializam em uma comunicação do Evangelho dirigida à classe média; 5) multifacetação resultante de novas dissidências com o surgimento de grupos que retomam a contestação radical original dos modelos existentes; 6) surgimento de um *carismatismo* autônomo não reconhecido como legítimo pelos grupos carismáticos originais; 7) tentativa de inserção na sociedade brasileira por via de uma participação na política partidária, ainda que essa participação seja marcada por uma ótica classista bem particular — no caso a do grupo carismático.

O fato é que o crescimento carismático não pode ser ignorado como fenômeno histórico, religioso e sociológico. O futuro do movimento, bem como o dos grupos tradicionais, vai depender de como cada um se percebe dentro do universo simbólico das manifestações do sentimento religioso nas suas diversas e ricas interações com o contexto externo em que se situam, também marcado por manifestações simbólicas.

Em resumo, o futuro do movimento carismático, bem assim o dos grupos tradicionais, tem a ver com a idéia que fazem de Deus, do homem e da sociedade. Na realidade o futuro desses movimentos será determinado pela idéia de missão que possuem ou que vierem a construir. ●

O autor é pastor da Igreja Batista e presidente da Visão Mundial no Brasil.

Renovação Carismática: mais um projeto neo-conservador

Jorge Atílio Silva Iulianelli

Quando os bispos, em sua 29ª Assembléia, começam a falar em dar maior atenção ao "específico religioso", sintomaticamente uma emissora de TV apresenta, duas semanas seguidas em um programa dominical, uma cobertura da Renovação Carismática Católica (RCC). A RCC propõe uma espiritualidade que recupere a vivência dos primeiros cristãos, em especial sua mística de Pentecostes, com uma prática pastoral centrada na oração que opera efeitos como o "falar em línguas", "cura divina" e "expulsão de espíritos malignos". Não fora sua referência nominal à catolicidade e à veneração a Maria juntamente com a adoração da Eucaristia, julgaríamos tratar-se de um grupo pentecostal evangélico (clássico ou autônomo).

Quando há vinte anos atrás, na Europa e Estados Unidos, surgiram os primeiros grupos carismáticos católicos, estes foram questionadores, pois num mundo marcado pelo secularismo e materialismo moderno surgia um fenômeno que apelava não só para o sentimento (coração/emoção), mas também para a "ação sobrenatural de Deus". No plano internacional existem entre seus adeptos figuras como a do Cardeal Suenens, da Bélgica.

Presença na Igreja e na sociedade

Há pelo menos quinze anos esta experiência tem-se espalhado pela América Latina. No Brasil, ela está organizada em 154 dioceses. Desde 1977 realiza encontros nacionais em São Paulo, denominados "Cenáculos", no período litúrgico da Páscoa anterior à Festa de Pentecostes. Desde 1988 o "Cenáculo" é realizado no estádio do Morumbi, sendo que o último reuniu cerca de 150 mil pessoas. Até 1988, o principal organizador do encontro era o padre Jonas, apresentador do programa televisivo "Anunciamos a Jesus", produzido em Campinas.

No penúltimo "Cenáculo", realizado em maio de 1990, foram apresentados 12 candidatos "carismáticos" à Câmara dos Deputados. Entre estes foi eleito o coordenador nacional da RCC, Osmâio Pereira, pelo PSDB. O mesmo é também o coordenador nacional do projeto Evangelização 2000, implementado no Brasil a partir do 8º Encontro Nacional da RCC, realizado na Arquidiocese de Aparecida do Norte, em 1988. O projeto Evangeli-

zação 2000 funciona com "Escolas de Evangelização", que não seguem necessariamente as orientações das igrejas locais (dioceses).

"Nova Evangelização" é ênfase dominante

Na verdade, a RCC participa do grande projeto de evangelização neoconservador, em toda sua extensão internacional. Tal projeto entende que a Igreja seja a reordenadora deste mundo desordenado pelo projeto falido da Modernidade. Para atingir esse intento, entre outras iniciativas, existe a tentativa de renovar os métodos da evangelização, utilizando os meios de comunicação de massa (MCS), seguindo o modelo do *Lumen 2000*, o grande projeto de evangelização do Terceiro Mundo através da mídia eletrônica.

Portanto, este projeto desdobra-se em duas frentes: o *Lumen 2000* e o *Evangelização 2000*. A primeira, pretende ocupar o espaço com satélites que transmitam programas religiosos católicos pelas televisões do mundo inteiro, financiado pelo milionário holandês Pieter Derksen, carismático e fundador da entidade "Testemunhas do amor de Deus". A outra, *Evangelização 2000*, que está diretamente ligada à primeira, pretende formar evangelizadores capazes, inclusive, de utilizar tais meios.

Portanto, a RCC insere-se neste contexto neoconservador: clericalizante, culturalista e individualista. É uma proposta de espiritualidade que procura fazer com que surja um modelo de Igreja "renovada" que ampare o mundo em crise (e acabe com a crise do mundo). Por isto, seu primeiro princípio evangelizador é evangelizar os batizados (talvez, só por acaso, este princípio concorde com a perspectiva de evangelização do documento do CELAM em preparação à Assembléia de Santo Domingo). A evangelização pensada como um percurso da Igreja para a Igreja e, só depois então, para o mundo; trata-se de um modelo que deixa longe a perspectiva da Encarnação, e tampouco aborda a questão da inculturação.

Redescoberta da mística: alternativa à pastoral popular

No entanto, é muito relevante o questionamento trazido quanto ao lugar do específico religioso na Evangelização Pastoral pela RCC.

Considerando a afirmação de Jurgen Habermas que ainda existe lugar neste mundo desencantado para o discurso re-

ligioso; uma proposta mística diante das ideologias secularizantes e materialistas é mais do que questionadora, pois contradiz tais ideologias, confronta-se mesmo com elas. Ademais, se seu contingente advém dos setores intermediários da sociedade, principais consumidores destas ideologias e, em princípio, seus propulsores.

Porém, apesar da RCC ter redescoberto a mística enquanto espaço do sagrado, estabeleceu uma hierarquização dicotômica do mesmo. Assim, antes a oração e depois a ação, partindo obviamente de uma antropologia teológica, no mínimo, questionável. Isto é atualíssimo para a crise da pastoral popular, que entre outras coisas, considera concluído algo que está por se realizar (por seu próprio caráter processual), que é a síntese fé-vida.

A valorização da esfera ético-política no campo da pastoral popular levou a um

Não interessa à RCC uma perspectiva espiritual que seja dialética, mas sim, que responda com clareza às questões espirituais da experiência humana.

certo descuido com a esfera estético-religioso-cultural. Isto hoje tem-se refletido com a necessidade de revalorizar o espaço da mística, da espiritualidade, do litúrgico e, em especial, do cultural, sem perda do acumulado na esfera do ético-político. Este é o ponto no qual a RCC se apresenta como uma alternativa à pastoral popular: não lhe interessa uma perspectiva espiritual que seja dialética, mas sim, que responda com clareza às questões espirituais da experiência humana.

Proposta sedutora

A espiritualidade proposta pela RCC é alternativa àquela que vem sendo construída pela pastoral popular por dois motivos. Por um lado, ao criar o escaninho do místico, dota a experiência espiritual de um discurso mecânico (ou comercial), onde Deus cumpre a função de criar uma situação de paz pessoal (e coletiva), e a contrapartida do fiel é a oração, sem despartir dessa forma nenhum apelo à compromissos éticos ou exigências por alguma opção evangélica mais concreta.

Por outro lado, o caráter festivo da experiência espiritual carismática responde à "carnavalidade" do ethos brasileiro (se podemos dizer que existe algum), é uma resposta ao emocional, e, nessa medida, uma proposta sedutora que foge a formalidade do racional. Como já disse alguém,

A estratégia de utilizar a pregação corpo-a-corpo com a Bíblia na mão faz parte da cultura carismática, assim como a questão da revalorização da cura, apesar desta fazer parte da estrutura litúrgica do sacramento da unção dos enfermos.

a pastoral popular manteve uma espiritualidade do pescoço para cima.

O caráter mecânico e festivo tornam a experiência carismática uma espiritualidade alternativa tanto à liturgia e espiritualidade presentes nas igrejas históricas, quanto àquelas ainda presentes na Igreja dos Pobres. Contudo, sua antropologia dualista não contribui para a superação da crise vigente na pastoral popular.

A RCC nunca teve esta pretensão, seu público alvo preferencial sempre tem sido os setores intermediários da sociedade presentes na Igreja Romana e/ou possíveis de serem arrebanhados. A estratégia de utilizar a pregação corpo-a-corpo com a Bíblia na mão faz parte da cultura carismática, assim como a questão da revalorização da cura, apesar desta fazer parte da estrutura litúrgica do sacramento da unção dos enfermos. Tais questões foram introduzidas na 29ª Assembléia da CNBB.

Renovação que conserva

Os setores intermediários hoje altamente pauperizados, no âmbito da Igreja Católica, têm sido valorizados por vários movimentos de espiritualidade. Hoje é uma questão para a própria pastoral popular o aproximar-se de setores intermediários, como diz Clodovis Boff, indignados com a lógica do empobrecimento instalada nesta sociedade, se bem que, parte destes setores, já participem da própria pastoral popular.

Enfim, a RCC seria mais um projeto eclesástico neoconservador, que já de algum tempo participa com vários outros dessa perspectiva pastoral. Sua proposta pode ser entendida como renovadora na medida em que quebra as algemas do racional e do formal que empoeiram as igrejas históricas, mas, como tudo e todos possui limites. A antropologia dualista que repercute numa espiritualidade mecânica e festiva, seu caráter neoconservador impossibilitam a RCC de criar uma verdadeira "nova evangelização" em nosso continente. ●

O autor é filósofo e integrante da equipe do Programa de Assessoria à Pastoral do Cedi.

A RCC é uma proposta de espiritualidade que procura fazer com que surja um modelo de Igreja "renovada" que ampare o mundo em crise.

Uma experiência carismática na Igreja Metodista

João Carlos Lopes

"Era um domingo de manhã em maio de 1976. Último dia de uma 'Série de Pregações' na Igreja Metodista Central de Londrina (PR). De repente, o pastor local, Rev. Richard Canfield, levantou-se do banco e caminhou em direção ao altar. Ele tencionava compartilhar com a igreja a 'luta espiritual' que estava enfrentando naqueles dias. Quando começou a falar, Canfield foi tomado por um sentimento de fraqueza e literalmente caiu no altar. Várias pessoas o rodearam numa mistura de intercessão e expressões de louvor. Alguns minutos mais tarde, quando Canfield deixou o altar, 'ele era uma pessoa diferente' (A. Oliveira, entrevista pessoal, Londrina, maio de 1989).

Falando sobre os resultados de sua experiência, Canfield afirma: "Depois daquela experiência, que eu não sei bem como descrever, meu ministério mudou completamente. Foi algo impressionante. Eu pregava e as pessoas se convertiam. Meu ministério começou a produzir frutos como nunca. Isso me deixava surpreso porque eu pregava da mesma maneira que antes. Mas eu me tornei aberto à ação do Espírito e as coisas começaram a acontecer" (entrevista pessoal, Curitiba, janeiro de 1989).

Ainda que o processo gerador daquele evento tenha começado muito antes de 1976, aquela manhã de maio tornou-se popularmente reconhecida como um marco na história da Igreja Metodista na Sexta Região Eclesiástica (6ª RE, que engloba os Estados do Paraná e Santa Catarina).

Uma era de estagnação deu lugar a um novo momento de grande dinamismo, reconhecido por todos como um "movimento carismático" que tem perdurado por 15 anos. Obviamente este movimento não tem mantido as mesmas características desde seu início. Enquanto algumas ênfases permaneceram, outras ficaram em segundo plano e ainda outras foram desenvolvidas no decorrer do tempo. Entretanto, desde o início do movimento, duas características têm sido mais evidentes:

"Depois daquela experiência, que eu não sei bem como descrever, meu ministério mudou completamente. Foi algo impressionante. Eu pregava e as pessoas se convertiam."

(Canfield)

Ênfase nos dons e na ação libertadora do Espírito Santo — Como consequência de uma redescoberta do Espírito Santo, o movimento desenvolveu uma forte ênfase na busca e uso dos dons espirituais, especialmente (mas não exclusivamente) os dons de línguas, profecia e cura. Intima-

mente ligada à cura, está a libertação espiritual de indivíduos, através da expulsão de demônios, fato que se tornou comum nos cultos de louvor e, ainda mais frequentemente, em reuniões de oração.

O estilo do culto — A ordem culto, nas igrejas da 6ª RE, tornou-se mais flexível. Há lugar para a espontaneidade (expressão corporal) e criatividade (novos cânticos e testemunho pessoal). A hinologia sofreu mudanças radicais com novas letras, novos ritmos e novos instrumentos.

A partir da ênfase nos dons espirituais, a participação ativa do elemento leigo no culto (tanto quanto em outras atividades da igreja) tornou-se um imperativo. Como consequência, as igrejas locais da 6ª RE começaram a crescer tanto em número como em participação.

Críticas sofridas no decorrer dos anos

O movimento carismático na 6ª RE tem sofrido críticas, mesmo nos meios metodistas. Em primeiro lugar, destaca-se a crítica ao fato de que o movimento teria uma forte tendência de interiorizar a experiência de libertação.

Focalizando o "ainda não" (o "novo céu e nova terra" no futuro) o movimento estaria tratando o "aqui e agora" de maneira inadequada. Em outras palavras, estaria faltando perspectiva histórica ao movimento.

Uma segunda crítica, intimamente ligada à primeira, refere-se à visão social do movimento que estaria limitado ao aspecto de assistencialismo, lidando apenas com as consequências dos problemas sociais. Assim, transformando direito em caridade, o movimento estaria afirmando o *status quo*.

Outra crítica relaciona-se com a visão missionária do movimento, considerada por alguns como demasiadamente colonialista. Evangelização dentro do movimento seria "convencer as pessoas a pensarem como nós", ou seja, colonização teológica.

Além disso, por muito tempo, criticou-se também a ênfase exagerada nas práticas de expulsão de demônios, revelações e profecias.

Mudanças e adaptações

As críticas recebidas têm forçado e ajudado o movimento a amadurecer. Tendo como um de seus líderes o Rev. Richard Canfield, hoje bispo da região, o movimento carismático tem apresentado sinais visíveis de amadurecimento.

Entre tantos outros sinais destaca-se uma crescente ênfase no preparo teológico da região. Orientada pelo Plano Nacional de Educação Teológica da Igreja Metodista, a 6ª RE estabeleceu um seminário que

tem tornado acessível a reflexão teológica séria, tanto para clérigos como para leigos. Obviamente a reflexão teológica produz equilíbrio, eliminando progressivamente os exageros.

Outro sinal perceptível de amadurecimento, é o fato de que já há algum tempo, mais especificamente nos últimos anos, as igrejas envolvidas no movimento carismático têm começado a reconhecer que a ação do Espírito deve gerar Missão. Uma visão centrípeta, onde o centro das atividades é o templo, tem dado lugar, ainda que vagarosamente, ao reconhecimento de que a Missão acontece onde o povo está. Aos poucos o *testemunho* e a *presença* passam a ter o mesmo valor que a *proclamação* na visão missionária da 6ª RE.

Unidade na Missão

É evidente que o movimento da 6ª RE surgiu como uma reação à situação de estagnação e apatia que prevalecia na Igreja Metodista nas décadas de 1960 e 1970. Obviamente esta não foi a única reação àquela situação.

É interessante notar que o movimento liberal-progressista também tornou-se forte na Igreja Metodista na mesma década de 1970. Parece justo afirmar, então,



que tanto o movimento carismático como o movimento liberal-progressista na Igreja Metodista, surgiram como reação à mesma situação de ineficácia e irrelevância que prevalecia na igreja até então. Com um espaço claramente reconhecido dentro do metodismo brasileiro, o movimento carismático parece ter chegado para ficar. Agora, mais amadurecido na 6ª RE (ainda que sinais de exageros possam ainda ser encontrados aqui ou ali), o movimento começa a se auto avaliar e a buscar o diálogo com outras tendências, com vistas à Unidade na Missão. ●

João Carlos Lopes, Pastor metodista em Londrina, PR.

Assembléia de Deus Betesda: nova face pentecostal

No dia 30 de novembro de 1990, a Igreja Assembléia de Deus Betesda, do bairro Aldeota, em Fortaleza (CE), desligou-se das convenções regional e geral das Assembléias de Deus no Brasil. Seus pastores explicam, através de um documento, que o desligamento ocorreu devido à incompreensão de muitos setores da igreja, em relação às práticas desenvolvidas nesta comunidade pentecostal.

Estas práticas, que buscam engajamento social, abertura no que diz respeito aos costumes e unidade evangélica, gerou considerações que qualificaram a liderança e os membros da comunidade como "transgressores" dos preceitos estatutários das Assembléias de Deus no Brasil.

A Assembléia de Deus Betesda optou pela separação, declarando, no entanto, "ser contrária a qualquer espírito de rebelião, por isso, não engrossará qualquer movimento que tente em qualquer instante minar o discurso evangélico de unidade do Corpo de Cristo". A igreja justifica que "muitas vezes surge a necessidade de caminhar separados (embora na mesma direção). Após longos anos andando juntos, Abraão e Ló precisaram se separar para que continuassem irmãos".

O pastor presidente da Assembléia de Deus Betesda, Ricardo Gondim Rodrigues, define as perspectivas deste movimento: *A Assembléia de Deus Betesda nasceu com uma visão de que o pentecostalismo brasileiro também pode ser resgatado daquilo que há de mais bonito dentro dele: a comunicação de um evangelho simples, com beleza e relevância.*

O movimento pentecostal brasileiro está num processo de cristalização muito grande, muito rápida, por causa das estruturas eclesiais muito rígidas, de um legalismo exacerbado quanto à ética. A Assembléia de Deus Betesda se propõe a resgatar o pentecostalismo enquanto movimento, sem as amarras e as prisões de estruturas eclesiais muito rígidas.

Nós queremos trazer uma mensagem pentecostal com beleza, com relevância para a pátria brasileira. Estamos tentado fazer com que a Assembléia de Deus Betesda traga uma face mais leve do Pentecostalismo no Brasil.

Entrevista com Enilson Rocha Souza
Por Jorge Atílio Silva Iulianelli



O entrevistado é secretário executivo da Cese

Em nome da vida

Estudar, pesquisar, assistir, avaliar, promover, coordenar projetos destinados à promoção da vida integral das pessoas, nos moldes da fé, em todo o território nacional, especialmente no Norte e no Nordeste do Brasil, são a linha de trabalho da Coordenadoria Ecumênica de Serviço (Cese), entidade que medeia relações entre igrejas, agências de ajuda e movimentos populares, incentivando a articulação e apoiando financeiramente programas e projetos populares, empenhados na luta por justiça social e no desenvolvimento de comunidades. Enilson Rocha Souza, secretário executivo da Cese, nesta entrevista ao CONTEXTO PASTORAL, aprofunda questões sobre a importância da entidade, sua atuação, e analisa aspectos do ecumenismo brasileiro e das mudanças nos países do Leste europeu.

— Como atua a Cese? E que resposta acredita ser a mais correta diante dos problemas conjunturais em que vive o País?

— A Cese procura dar uma definição a partir da qual não somente a questão material é importante, mas que os projetos ligados à questão prática tenham uma repercussão educativa, de conscientização em nível do político. Algumas posições indicam a conscientização do povo sobre a situação de miséria, sobre as raízes que a produzem, para encontrar a maneira de superar essa situação, porém não se pode esperar uma organização qualitativa do povo enquanto ele passa por privações materiais sérias. Desta forma a Cese dá atenção a estes dois aspectos: questões do dia-a-dia e da conscientização — dos grupos locais, das igrejas e da sociedade em geral. Essa é a dimensão "micro" da atuação da Cese; esperamos, que ela tenha repercussão no macro, no nível político.

— Como se distribuem os diversos projetos entre católicos e evangélicos, partindo do princípio de que a Cese é uma entidade ecumênica de serviço?

— Desde a fundação, a Cese definiu que não está a serviço das igrejas como tais; mas as igrejas, juntas na Cese, se colocam à disposição, como expressões de serviço ao movimento popular. Pode ser que seja uma expressão minúscula, mas quer expressar isto — solidariedade e compromisso concreto em favor do movimento popular, do fortalecimento, organização e luta por justiça, paz e integridade das pessoas na sociedade brasileira. A Cese pode, deve e está apoiando projetos que advêm das igrejas, mas nossa ênfase está nas demandas, sejam de quem forem, até mesmo de afro-brasileiros.

— Existe dependência da Cese com relação à visão política de alguma igreja, ou das igrejas enquanto conjunto?

— Quando foi criada, a Cese fez uma análise sociológica da situação brasileira, a partir da qual definiu alguns critérios e prioridades. As igrejas que compõem e venham a compor a Cese aceitam esse documento. Naturalmente existem tensões, mas no trabalho concreto são superadas. A questão central é fazer coisas, apesar de destacar que a dialética entre prática e teoria tem espaço fundamental dentro da Cese. Discutimos com as igrejas, definimos filosofia e linha teológica

do trabalho.

Outro aspecto é que não se pode falar de uma igreja monolítica, aliás, o que é bom. Há estratos das igrejas que apoiam a linha de trabalho da Cese, outros que não. Dentro da discussão, no entanto, o grupo, em conjunto, pode chegar a uma posição diferente. Há sempre respeito mútuo, e se procura tomar decisões políticas a partir do consenso.

— Como avalia o movimento ecumênico brasileiro atual, na dimensão da unidade e da luta pela justiça?

— Há vinte anos atrás, o que havia era um ecumenismo interdenominacional entre as igrejas protestantes/evangélicas. O Brasil tem uma tradição de aproximadamente oitenta anos de ecumenismo, desde Erasmo Braga. A Cese surge para dar uma dimensão diferente, um salto qualitativo, ao incorporar a Igreja Católica. Alguns dizem que a Cese contribuiu para a criação do Conic, a partir do ecumenismo prático, da ação concreta. É mais fácil se entenderem uns e outros, nas questões práticas, sem quaisquer distinções. Todos os programas de evangelização devem apontar as dimensões material e espiritual do ser humano, e atender a essas necessidades.

O que percebemos hoje, no Brasil, é que não há grandes problemas quanto a uma relação mais aberta com a Igreja Católica, que tem sido motivo de tensão do ponto de vista da unidade da Igreja. Outro aspecto do nosso ecumenismo é que estamos interessados em apoiar grupos afro-brasileiros que desejam manter sua cultura, suas tradições. A Cese está aberta a eles. O que estamos vendo hoje no Brasil — provavelmente um fenômeno de âmbito mundial — é a grande influência que a Igreja de Roma está exercendo na indicação de bispos mais conservadores. Não é nenhuma novidade que a Igreja Católica romana no Brasil esteja sofrendo uma pressão da Santa Sé no sentido de preocupar-se muito mais com a evangelização no sentido tradicional da palavra.

A Igreja Católica Romana entende que o ecumenismo passa por ela, o que as igrejas de tradição protestante não aceitam. Existem questões doutrinárias, ideológicas que nos dividem; por isso, o que temos de fazer é sentar juntos, manter um diálogo permanente. O mais importante não é o fato de sermos católicos ou protes-

tantes, e sim a necessidade de estarmos juntos numa luta pela unidade, pela democracia, pela justiça. Não interessam tanto essas questões doutrinárias, mas o ser humano em sua situação concreta, e o que cristãos e não-cristãos podem fazer. Creio que O Espírito Santo está atuando, apesar de todos os problemas, divisões, dificuldades de diálogo, incompreensões, diferenças doutrinárias.

— As mudanças no Leste Europeu, que consequências trazem para as agências que colaboram com os países do Terceiro Mundo e como estão reagindo ao fato de os recursos serem direcionados majoritariamente para os países do Leste em detrimento dos países do Terceiro Mundo?

— Há uma série de elementos nesta pergunta. Um deles é o fato do crescimento da miséria na Europa, ou seja, do número de pobres, de aidéticos, de desempregados, de gente sem casa, de gente solitária. No momento em que se vai para a mesa distribuir os recursos são carregados pela sociedade civil, via Igreja, as instituições acabam por pensar em primeiro lugar no irmão que está do lado, com fome, com frio, sem casa e solitário, e só depois pensar naqueles que estão a mais de dez mil

do Brasil.

Em segundo lugar, os parlamentos desses países estão discutindo a diminuição da cooperação internacional em 1,5%. Então vários países já tomaram a decisão de diminuir em 1,5% o total do dinheiro enviado ao Terceiro Mundo. Essa redução importante não é só para os países do Leste Europeu, mas em função de questões internas que esses países estão vivendo também. Por tudo isso, vai haver um importante impacto na questão da cooperação, não se sabe quando. Isso porque o mundo está em crise financeira. Alguns países que fizeram a opção pela sociedade de mercado vão ter uma enorme frustração dentro de pouco tempo. Pequenas minorias vão tomar a frente, enquanto a parcela maciça da população vai viver sem possibilidades de participação, e conviver com o desemprego.

Outro aspecto é relacionado à política do Banco Mundial, segundo a qual há interesse de entrar em contato com as entidades não-governamentais do Terceiro Mundo. Isso é muito perigoso porque através dessa relação bilateral, vão-se criar no Terceiro Mundo elites burocráticas da ajuda, se é que já não existem. Pessoas do mais alto nível intelectual e de formação técnica vão administrar recursos que hoje são administrados por grupos populares. O povo vai perder, portanto, a condição de participação. Por exemplo, o Banco Mundial não vai mandar dez mil dólares para um pequeno grupo de mulheres, mas sim 100 milhões de dólares para uma instituição muito bem estruturada. Agora, quem é o Banco Mundial? É aquele que segue a cartilha do FMI; e quem constitui o FMI senão os nossos governos? Então, são os nossos governos que definirão essa política. Por isso, se nós do Terceiro Mundo não atuarmos coordenadamente provavelmente vamos ser engolidos por uma elite de pessoas altamente qualificadas do ponto de vista técnico e que utilizam até uma linguagem mais sofisticada que a nossa do ponto de vista das ciências sociais, econômicas etc. ●

Para conhecer a Cese

Desde a sua organização definitiva, em 1973, a Cese baseia toda a sua atividade em três palavras-chaves: unidade, democracia e justiça. A primeira se expressa na unidade entre igrejas, comunidades, grupos, pessoas, entidades. Sobre democracia, entende-se um novo e determinante conceito de desenvolvimento, e sem a qual não há possibilidade de melhoria de condições de vida. Justiça engloba as questões concretas, como direitos humanos, proteção à natureza e outras.

Atualmente integram a entidade as Igrejas: Católica Romana, Episcopal do Brasil, Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Evangélica Pentecostal "O Brasil para Cristo", Metodista e Presbiteriana Unida.

Os principais beneficiários dos projetos apoiados pela Cese são os trabalhadores rurais (assalariados, bóias-frias, sem-terra, pequenos proprietários) e os moradores de periferia das grandes cidades, com destaque para menores e jovens. Os movimentos de defesa dos índios, de mulheres e de negros, têm recebido atenção especial nos últimos anos.

CRER

—sem ver—

Paulo Roberto Garcia



O capítulo 20 do Evangelho de João é um capítulo especial. Originalmente era a conclusão do evangelho. Uma conclusão busca enfatizar o que de mais precioso

foi apresentado. É o recado final, aquilo que não pode ser esquecido. Vejamos qual é esse recado do João 20.

Para compreendê-lo devemos olhar, inicialmente, para a origem deste nosso capítulo. Que caminhos a memória percorreu até tornar-se um texto?

Os caminhos da memória

São basicamente três os assuntos de João 20: o túmulo vazio (v. 1-18); a aparição aos discípulos (v. 19-23) e a aparição a Tomé (v. 24-29). Estas três partes formam um certo conjunto, como logo veremos mais de perto. Mas também têm, cada qual, suas peculiaridades.

Há certas quebras na sequência. Já podemos observá-las na história do sepulcro vazio (v. 1-18). Após verificar que a pedra fora removida, Maria Madalena corre a avisar aos discípulos. Entram em cena, então, Pedro e o Discípulo Amado. Ora, essa cena com esses dois discípulos é algo próprio (v. 2-10), independente do relato sobre Maria Madalena junto ao sepulcro. Ela parece que nem toma conhecimento de Pedro e do Discípulo Amado. Deste

até se diz que "viu e creu" (v. 8). Mas, Maria continua a chorar (v. 11). Nem se "dá conta" que o Discípulo Amado já entendera algo. Por aí se vê que, originalmente, existiam duas histórias diferentes junto ao sepulcro: uma falava de Maria Madalena, a outra de Pedro e o Discípulo Amado.

Estas cenas junto ao túmulo, certamente, permitem mais algumas observações interessantes. Dão destaque a dois personagens: à Maria Madalena e ao Discípulo Amado.

Maria Madalena é apresentada como única mulher junto ao túmulo. Nos demais evangelhos aparecem também outras mulheres. Isso mostra que Maria Madalena era muito respeitada na comunidade de João. A memória dele era cultivada com afeto.

O Discípulo Amado supera a Pedro. No relato da aparição observa-se um tratamento diferenciado para os dois. Embora Pedro entre primeiro no túmulo, o primeiro que vê e crê é o Discípulo Amado. Aliás, não há uma alusão clara de que Pedro tenha crido.

Vemos, pois, que na cena do túmulo vazio (v. 1-18) temos a junção de duas tradições: a de Maria Madalena, que na pessoa daquele jardineiro chegou à fé, e a do Discípulo Amado, que "viu e creu".

Também a aparição aos discípulos (v. 19-23) e a aparição a Tomé (v. 24-29) são tradições próprias, uma oriunda de memória a respeito da incredulidade de

Tomé e outra pretendendo enaltecer a atitude de confiança aos discípulos, que creram mesmo sem terem visto.

De fato, nosso capítulo 20 reúne três assuntos, três tradições. Que recado o evangelista quer nos transmitir deste modo? Que mensagem evoca?

O recado

Fizemos distinção entre três relatos de aparição: a Maria Madalena, aos discípulos e a Tomé. Dois servem de moldura: o de Maria Madalena e o de Tomé. Em comum estes dois relatos têm uma crítica a estes seus personagens. Maria e Tomé são criticados! Só chegam a crer depois de verem.

Ora, no conjunto de nosso capítulo, "ver para crer" certamente é algo negativo. Pois, bem-aventurados são justamente "os que não viram e creram" (v.29). Essa promessa é tão importante que fecha as cenas de aparição.

Contudo, Maria e Tomé também não são de todo negativos. Apresentam aspectos positivos: o profundo amor e insistência de Maria Madalena e a confissão de fé dita da boca de Tomé: "Senhor meu e Deus meu!"

No centro de nosso capítulo, temos a aparição aos discípulos. Esta é profundamente positiva. Pois, eles puderam crer sem ver, como ocorrera com o Discípulo Amado e talvez também com

Pedro. A eles a paz e o Espírito! A eles a missão de perdoar pecados!

O Espírito se manifesta na glorificação de Jesus, em sua vitória na morte e ressurreição. O Espírito vem convencer o mundo do pecado, da justificação e do julgamento (16.8-10). Testemunha ao mundo que a antiga ordem baseada no pecado não mais existirá. Ensinará a todos o novo que Cristo anunciou.

O perdão dos pecados é a superação da antiga ordem e de suas marcas. Doença, pobreza e marginalidade eram, na concepção da época, consequência do pecado. O perdão a todos restitui vida; é a luz que abre os olhos dos cegos. Restitui à vida os marginalizados (9.1-41).

Assim sendo, a conclusão do Evangelho, nosso capítulo 20, é o anúncio do novo que surge. Tudo acontece no primeiro dia da semana. Neste dia, neste início de semana, nasce o novo. Allora num jardim (19.41). Um novo Éden! Lugar de alegria, onde já não há choro! Na ressurreição de Jesus, no jardim, a própria natureza começa a ser renovada. Na força do Espírito, os discípulos são imbuídos do poder de perdoar pecados, de apagar as marcas da ordem antiga. Superam-na.

A palavra é devolvida à boca. Os corpos outra vez se põem de pé. A vida é rasgada de dentro das sepulturas. ●

Paulo Roberto Garcia é pastor da Igreja Metodista, professor de Novo Testamento na Faculdade de Teologia da Igreja Metodista e integrante do Programa de Assessoria à Pastoral do Cedi.

As coisas vão se invertendo

Milton Schwantes



Vivemos em tempos do Espírito. Neles, acontecem coisas especiais, aquelas que chamamos de *santas*. São santas, porque saltam aos olhos a querer ver

para mais longe, porque dão comichão nos pés querendo avançar, porque excitam os corações a ansiar por novas experiências. Sim, as coisas *santas* não são tão *santas*, não estão tão desligadas das coisas que vivemos, do que enfrentamos dia-a-dia. Não andam soltas no ar. Nem se enfeitam com asinhas. São santas porque se apossam inteiramente de nós, fazendo-nos pisar, com os pés de nossa vida, em nosso chão; fazendo-nos abraçar como gente amiga quem tem cara de tubarão, fazendo-nos ter gosto de ironia até diante daqueles monstruosos bombardeiros que dizem tudo poder. Em tempos de espírito, as coisas vão se invertendo, tornando-se santas. De tão santas que são simples e cotidianas.

E esse é um tempo que vem de longe. Lá na criação já estava em função. Lê-se por

lá que o "Espírito pairava por sobre as águas" (Gênesis 1.2). E elas eram um caos danado. Nem tinha forma. Nada. Mas, o Espírito já estava lá, a buscar seu tempo, seu espaço. *Pairava*, palavra bonita, porque faz pensar num pássaro. Sonda o ambiente. Verifica onde descer, onde descansar. Quem *paira*, acaba por *habitar*.

É o que se deu naquele Nazareno. Fora a encontrar-se com um que batizava no rio. De nome João. Não tinha roupa decente, nem comida aconselhável. E sua cabeça estava a prêmio, marcada de morte porque incitava contra os *herodes* e similares. Faz-se batizar para dentro desta trilha de quem não teme coronéis que, a bem da verdade, ainda não existiam na época, se bem que já estivessem na chocadeira. E batizado foi. E aquele que *pairava* aí pousou: "És o meu filho amado" (Marcos 1.11). Como também poderia haver dito: "És minha filha amada". O que não fez por tratar-se de menino... De todo modo, aí neste Nazareno o Espírito fez seu tempo. E o fez na amizade com doentes, horripilantes possessores, incuráveis mulheres. Tanto se afundou que o fizeram *pairar* na cruz.

Mas seu tempo aí não se esgotou. Criaram-no quem o torturou, quem o fez agonizar. Mas sua conta não fechou. Há vitórias, não muitas, que vem para o mal. E é o que se passou. Os soldados que fizeram o *serviço* tombaram diante do agonizante. Morreu ele, converteram-se eles. E aí o Espírito já não só *pairava*, *descia*. Fez-se vendaval. Arrasou. Num só dia, três mil entraram no novo tempo, aquele em que os pés teimam em avançar; o coração não se aquietava nas opressões, os olhos se afixavam no horizonte. "Foram batizados"

(Atos 2.41). Viviam sem temor e tudo tinham em comum. E todos tinham.

Surpresa. O tempo deu em espaço. O Espírito virou corpo, para empurrar a história à frente, de jeito estranho. Sem poder... ●

Milton Schwantes é pastor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil (IECLB) em Guarulhos, professor no Instituto Ecumênico de Pós-graduação (IEPG) em Rudge Ramos e assessor do Cedi.

FIQUE POR DENTRO DO CONTEXTO PASTORAL

Um jornal-painel a serviço da Pastoral e dos cristãos pela paz e justiça. Uma publicação conjunta do Centro Evangélico Brasileiro de Estudos Pastorais (Cebep) e do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (Cedi).

Leia e assine (período junho/julho, encartes gratuitos):

Assinatura anual: Cr\$ 2.000,00

Assinatura de apoio: Cr\$ 3.000,00

Exterior: US\$ 15.00 Número avulso: Cr\$ 200,00

Garanta sua assinatura enviando cheque nominal para o Centro Ecumênico de Documentação e Informação juntamente com correspondência constando seu nome, endereço completo, telefone e igreja e/ou entidade a que pertence.

Se agora vivemos pelo Espírito, deixemos também que o Espírito nos guie

Respondendo ao anseio de um grande setor do pentecostalismo latino-americano, e em continuidade a diversas experiências, intentos, buscas e avanços, líderes pentecostais, por iniciativa própria, temos realizado vários encontros, para dar resposta à sentida necessidade de unidade dos pentecostais, para contribuir com a Missão da Igreja.

Iniciando em Buenos Aires, Argentina, em 1971, com uma reunião, preparatória de 15 líderes pentecostais, temos peregrinado no continente latino-americano: estacionamos em Santa Fé, Bogotá (Colômbia - 1979), onde realizamos o 1º Congresso Pentecostal Bolivariano, do qual nasceu a urgência da unidade dos pentecostais da América Latina, fato que se alimenta em Salvador, Bahia (Brasil, 1988), onde o caminhar nos levou a refletir sobre nossa *Identidade e Diversidade Pentecostal*, descobrindo aqui, o tamanho, impulso e potencialidade do Movimento Pentecostal Latino-Americano. Posteriormente nos encontramos em Havana, Cuba (fevereiro, 1989), de onde partimos novamente para Buenos Aires, Argentina (abril, 1989) para realizar o Encontro Pentecostal Latino-Americano (EPLA), no qual fizemos um retrospecto das condições sociais, econômicas, políticas, culturais, religiosas do nosso continente, afirmamos nossa esperança na unidade (Efésios 4.13), no amor fraterno, na comunhão e solidariedade na qual nos une Cristo Jesus.

Dentro desse panorama e aproveitando o espaço que nos ofereceu o Departamento Ecumênico de Investigações (DEI), para realizar uma releitura da tradição protestante, a partir da perspectiva dos pentecostais latino-americanos, cremos ser de vital importância realizar este encontro sob o tema geral: *Pentecostalismo e Libertação*. Nossos objetivos foram:

* Objetivos gerais: 1) celebrar um encontro pentecostal que tenha como eixo central, a reflexão crítica e construtiva da experiência pentecostal latino-americana, a fim de contribuir para o enriquecimento da identidade pentecostal, sua contribuição ao ecumenismo e à Missão da Igreja; 2) propiciar um espaço para debater problemas, desafios e contribuições do Movimento Pentecostal no contexto latino-americano.

* Objetivos específicos: 1) compartilhar elementos históricos, sociológicos e teológicos, sobre as origens de nossa fé pentecostal, a fim de caracterizar nossa particular identidade pentecostal como agente catalizador de mudanças sociais; 2) compartilhar a atividade teológica pentecostal, que tem seu ponto de partida na experiência cotidiana e se desenvolve nos testemunhos, nos louvores, nas curas,

Este texto foi produzido como resultado do Encontro Pentecostal Latino-Americano, que reuniu, nos dias 1 a 5 de dezembro de 1990, um grupo de líderes pentecostais da América Latina e Caribe, dentre eles, pastores(as) e leigos(as). O encontro recebeu o apoio do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), do Conselho Latino-Americano de Igrejas (Clai), do Departamento Ecumênico de Investigações (DEI) e do Serviço Evangélico para o Desenvolvimento (Sepade).

nas orações, na adoração, no Batismo com o Espírito Santo, e reforça a importância que tem a alma, o espírito e o corpo como unidade indivisível na Missão da Igreja.

Compartilhamos alguns dos aspectos de nossas principais reflexões:

Sobre a identidade pentecostal

O crescimento desenvolvido por nosso movimento pentecostal, tem produzido mudanças substanciais na forma de viver a fé na América Latina. Pela riqueza de experiências espirituais, as quais oferecem uma via de integração pessoal e de reconstrução comunitária, o pentecostalismo tem passado a ser uma das expressões mais dinâmicas do cristianismo em nosso continente.

Como parte de um processo de busca de identidade e autoctonia latino-americana, cremos ser indispensável fortalecer aqueles esforços de recuperação e apropriação de nossas raízes históricas, tanto em cada um de nossos países como no subcontinente. Este nos permitirá compreender qual é o nosso papel como colaboradores na Missão de Deus pela redenção e plenitude de todo homem e de toda mulher, e, de toda a criação.

O movimento pentecostal se coloca majoritariamente, entre os setores mais empobrecidos de nossos campos e cidades. A partir dessa realidade, que foi também a realidade na qual Jesus situou seu ministério (Lucas 4.18), o pentecostalismo desafia uma sociedade em pecado e em franco processo de decomposição; e, ao mesmo tempo, é reptado pela necessidade de justiça e restauração de nossos povos, entre os quais se destacam a marginalização da mulher, dos indígenas, dos negros, dos jovens. A estes desafios são dadas respostas esperançosas mas também muitas vezes escapistas.

Preocupa-nos e entristece-nos o fracionamento e a fragmentação ainda presente em muitas de nossas denominações pentecostais. Tão dolorosa realidade nos desafia a aprofundar nosso trabalho de estender pontes de comunicação e ação pastoral com todos os cristãos e cristãs, e,

os homens e mulheres de boa vontade na ação reconciliadora do Espírito.

Sobre a pastoral pentecostal

A pastoral pentecostal tem seu ponto de partida no cotidiano, na experiência diária. Aí se vive a fé, a pregação, e, se testifica da esperança do Reino de Deus. Inicia-se com a conversão a Jesus Cristo, que produz uma mudança de vida, de tal maneira, que o testemunho pessoal se converte no meio privilegiado para anunciar o Evangelho. O culto é o momento de expressar as experiências de fé, as bênçãos, e compartilhar, com a ajuda do Espírito Santo, com os irmãos e irmãs, o gozo e a fé no Deus conosco vividos a cada momento, em todo o lugar, todos os dias. Por ele, as preocupações, os avanços, as lutas dos setores pobres encontram no culto pentecostal uma expressão de esperança fraterna, ainda quando atravessam momentos de temor e de dor.

Nas últimas décadas têm surgido numerosas igrejas pentecostais nacionais, nas quais se vislumbra, com maior clareza, uma pastoral que tem suas raízes na vida e no sentir do povo. As expressões culturais autóctones se refletem no canto, nas melodias, nos instrumentos musicais e na criatividade cultural. O ministério autóctone da pastoral pentecostal radica todo irmão e irmã na comunidade. Todos os crentes são amplamente valorizados e se

convertem em participantes ativos do ministério pastoral. As irmãs exercem diversos ministérios, mas um desafio que se apresenta à comunidade pentecostal, em relação à mulher, é estimular seu trabalho como discípula de Jesus Cristo; e reconhecer os traços particulares do ministério pastoral feminino, que permitam trabalhar pela igualdade de homens e mulheres no ministério pastoral pentecostal.

Sobre a obra do Espírito

Reafirmamos nossa convicção na obra do Espírito Santo, que se manifesta nos diversos dons. Nas experiências de fé, que impactam a vida pessoal; na vida familiar, na vida comunitária; e, em toda a criação, transformando-as e enchendo-as da plenitude de Deus. Plenitude de Deus, que se mostra na multiforme graça do Senhor. Nas ações libertadoras do Espírito, que quebram as estruturas pecaminosas de destruição, miséria e morte, vencidas por Jesus Cristo. Nos testemunhos poderosos de mulheres e homens que, na igreja e fora dela, lutam e trabalham pela "vida abundante", promessa de Jesus para os pobres, os tristes, os que não têm quem os socorra, os oprimidos.

Todas estas manifestações do Espírito nos movem a continuar investigando a riqueza do dom do discernimento, para compreender a vontade de Deus, agradável e perfeita; assim também, a promessa do Reino de Justiça, de Paz, de Amor e Gozo do Espírito Santo; e, também, a perspectiva do pobre, do movimento ecumênico e da Missão da Igreja.

A glória seja para Deus, sempre! ●

Participantes do Encontro Pentecostal Latino-Americano "Pentecostalismo e Libertação: a experiência latino-americana."

FEMININA FACE

O Feminino — uma abordagem a partir da Psicologia

Assessoria: Célia Silva Bittencourth

Data: 29 e 30 de junho

Local: Chácara Flora — Centro de Reuniões
Rua Vigário João de Pontes, 766
Santo Amaro — São Paulo, SP

Hospedagem: Cr\$ 11.000,00

Inscrições: até o dia 20 de junho, pelo telefone (0192) 41-1459.
Limite de 30 vagas.

Promoção: Pastoral da Mulher do Cebep

O um e o todo

Meditação feita pelo bispo Isac Aço, em 31 de junho de 1984, na abertura da reunião da liderança das Igrejas Metodista, Evangélica de Confissão Luterana, Episcopal, da região de Porto Alegre, assessorada pelo CEDI. (Efésios 4. 6-7; 11-16)



Bispo Isac Rodrigues Aço

Deus é sobre *todos*, age por meio de *todos* e está em *todos*, e a graça foi concedida a *cada um* de nós, segundo a proporção do dom de Cristo.

Todos e cada um.

Refere-se o apóstolo só aos crentes, aos que "foram chamados" (v.1)? No contexto mais próximo parece ser assim.

Ele refere-se à unidade do *corpo* no mesmo Espírito, em uma só esperança e em uma só vocação.

A mim me parece, no entanto, que, quando chega esta "apoteose" de *unidade* (v. 6), ele entende que a ação e a presença do Pai extrapola tudo isso e envolve a totalidade, nada escapa à sua ação e presença: *todos*!

De repente, valendo-se do jogo de contrastes, Paulo fala na graça concedida a *cada um*.

Este *todos e cada um* permanecem para nós sinais do mistério da ação de Deus. Cremos firmemente na presença de Deus na totalidade de *tudo* e de *todos*; cremos também na especificidade da vocação, da apropriação da graça, na personalização da experiência da fé, o que não significa o individualismo exclusivista mas que o *tudo* da presença e ação se assume individualmente para logo se integrar no corpo com a "justa cooperação de cada parte" (v.10).

Nós, metodistas, acabamos de celebrar, mais uma vez, o dia da chamada "experiência de João Wesley": a sua experiência da graça individualizada, a graça como dádiva pessoal, o assumir pessoal, mesmo que também oferta a todos e visando o bem de todos.

O *Todos* da ação de Deus e o *cada um* da apropriação da graça mantêm-se em tensão e complementação - Deus é ao mesmo tempo Senhor do Universo e se relaciona com a pessoa, concedendo-lhe a graça na *medida* de Cristo!

Segundo a visão do apóstolo, a partir de Cristo, manifestação suprema da graça, também são dados, concedidos, os mi-

nistérios.

Significativa a mesma expressão *dar, conceder*: quem *dá e concede* a graça, também concede os ministérios, isto é, os *dons*, os carismas:

"a graça individualiza-se nos diversos carismas dados a cada um" (Masson);

"devemos compreender que a graça foi dada a cada um segundo a dádiva que Cristo lhe faz, que varia de um crente a outro em virtude da diversidade das pessoas e de sua caminhada espiritual" (Masson);

"Esta graça não se individualiza em detrimento do todo, da unidade do corpo de Cristo, mas em seu proveito" (Masson).

"O crescimento do corpo está na medida da parte de cada crente neste crescimento, na medida do crescimento de cada um, na direção de Cristo, na direção da fé e do crescimento do Filho de Deus, na direção da maturidade espiritual, crescimento que não pode fazer-se senão no *amor*, na comunhão dos irmãos, na solidariedade mútua que une todos os membros do corpo de Cristo".

A unidade que provém do Pai, a graça concedida por Cristo, que também concede os ministérios, a diversidade das funções na unidade do ser, levou-me a ampliar a visão do indivíduo, vis-à-vis com a Igreja, para a visão da Igreja no seu todo e seus "corpos eclesiais".

Certamente a divisão orgânica não é uma virtude; creio porém que a diversidade de visões da obra e do Reino, a diversidade de manifestações de vida, testemunho e serviço, podem se completar no caminho da maturidade corporativa sob a mesma cabeça - Cristo.

E assim, como somos diferentes membros procurando nos completar, precisamos de diferentes *juntas* que nos ajudem a ajustar o caminho do crescimento.

Enquanto preparava esta meditação, veio-me a visão do CEDI como uma destas "juntas" que buscam ajustar, facilitam o crescimento, oferecem subsídio para os "ligamentos".

Através de sua visão *inter e intra* eclesial se estabelecem vínculos de unidade na caminhada que, assim desejamos e testemunhamos, nos tem ajudado a entender melhor nosso "contexto" missionário comum, e como a graça "concedida" a cada uma de nossas igrejas pode *somar* para o todo.

Que Deus nos conceda essa graça. Amém! •

Isac Alberto Rodrigues Aço

(1935, março — março, 1991)

- Nasceu em Angola, foi casado com Graciela, e pai de sete filhos;
- veio para o Brasil (1962) depois de ter sido coordenador de escolas rurais em sua pátria;
- aqui fez teologia (1966) em Rudge Ramos (SP), na faculdade da Igreja Metodista da qual seria diretor (1982);
- filosofia na Pontifícia Universidade Católica (RS) e, posteriormente, foi a Bossey (Genebra) fazer mestrado em teologia;
- pastoreou igrejas em São Paulo, e no Rio Grande do Sul;
- exerceu diversas lideranças, particularmente, na II Região Eclesiástica da Igreja Metodista (RS);
- foi eleito bispo dessa mesma Região (1982) no XIII Concílio Geral, depois presidente da Confederação das Igrejas Evangélicas Metodistas da América Latina e do Caribe;
- e presidente do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil;
- e vice-presidente do Conselho Latino-Americano de Igrejas;
- e assim, bispo, presidente, vice, em suas funções episcopais, morreu, aos 56 anos, de acidente automobilístico; com ele morreu seu filho Marcos Wesley, e outro filho ficou em grave estado (25 de março).

Esta síntese é no fundo, mais síntese ainda, porque tem três verbos - nasceu, viveu, morreu - com seus complementos e adjuntos. É, porém, no segundo verbo — viveu — que se cruzam nossas vidas.

E foi em seu viver que Isac nos fez crescer, viver; iluminou nossos caminhos; fez resplandecer nossa esperança; animou-nos os desânimos; alegrou-nos as tristezas; foi essencial e substancialmente bispo - pastor de pastores(as) e fiéis; negou e rechaçou ser bispo-burocrata, bispo-tecnocrata; foi bispo e morreu bispo.

Pela vida de Isac Aço, Deus seja louvado!